

“Novas Oportunidades e Novos Riscos: As Perspectivas para a África Subsariana e Moçambique”

**David Lipton, Primeiro Subdirector-Geral do FMI
Fundo Monetário Internacional
Universidade Politécnica, Maputo
6 de Maio de 2013**

Texto preparado

Bom dia. É um grande prazer poder estar aqui na Universidade Politécnica. Quero agradecer à Reitora Isabel da Costa pelas palavras tão gentis. Também sou grato pela oportunidade de conhecê-los — os líderes do futuro, que construirão o destino de Moçambique.

É com apreço que aproveito esta oportunidade de vir aqui testemunhar os grandes progressos feitos por Moçambique nos últimos anos. Este país é um entre muitos na África Subsariana que está a ir bem numa época de pessimismo em torno da economia mundial. Como a continuação da incerteza ameaça muitas economias avançadas, África começa a concretizar o seu potencial económico, com crescimento sólido e melhorias na vida do seu povo.

Procurarei tratar de três temas: o primeiro, as perspectivas económicas mundiais; o segundo, onde está posicionada a África Subsariana na actual conjuntura; e o terceiro, os desafios e as oportunidades diante dos moçambicanos. A mensagem que gostaria de deixar-lhes é a de que sim, é possível. África está a mudar e o mundo está a perceber. Moçambique é um dos principais exemplos do quanto é possível mudar em uma única geração. Muito ainda precisa ser feito, e também discutiremos esses desafios. Mas o potencial de África e de Moçambique é enorme. O maior desafio é aproveitar essa oportunidade.

Previsões sobre o crescimento mundial

Permitam-me iniciar pela economia mundial. A nossa mais recente publicação sobre as perspectivas económicas, lançada há poucas semanas, mostra que a economia mundial está a recuperar sua força lentamente. Prevemos uma recuperação gradativa, com um crescimento de 3,3 por cento neste ano e cerca de 4 por cento em 2014. Mas isso não é o bastante. O crescimento do emprego tem sido anémico e o desemprego em algumas economias avançadas mantém-se em níveis alarmantes.

O que vemos agora são disparidades significativas entre países e regiões. A recuperação ocorre em três ritmos diferentes: alguns países estão bem, sobretudo as economias em desenvolvimento e de mercados emergentes; outros, como os Estados Unidos, estão em vias de melhorar e, finalmente, um grupo importante, centrado na zona do euro e no Japão, ainda tem trabalho a fazer. Para que a economia mundial alcance uma recuperação a toda a velocidade, esse panorama precisa mudar.

A Europa precisa retomar o seu papel de motor do crescimento mundial, sobretudo para as economias em desenvolvimento. Provavelmente veremos a recessão europeia continuar neste ano, com a zona do euro retomando um crescimento modesto, próximo a 1 por cento, apenas em 2014. Os maiores problemas estão no Sul da Europa, onde vários países estão a enfrentar uma profunda recessão. O crescimento também está fraco nas economias centrais, como a Alemanha e a França, entre outras. A banca europeia não consegue oferecer níveis suficientes de crédito e as empresas estão a investir menos. O desemprego disparou, superando os 25 por cento em alguns países em crise. Muito precisará ser feito na esfera nacional e na União Europeia para sanar esses problemas.

A situação é um pouco melhor nos EUA, onde deve haver uma retomada do crescimento, com 2 por cento de expansão neste ano e 3 por cento em 2014. Cortes de gastos do governo americano talvez diminuam o ímpeto da recuperação — um desdobramento que não ajudará a retomada da economia mundial no curto prazo. Contudo, a manutenção das taxas de juro em níveis reduzidos tem ajudado a estimular a economia americana e a mundial.

As economias em desenvolvimento e de mercados emergentes deram vida à economia mundial, contribuindo com estimados três quartos do crescimento desde o início da crise financeira em 2008. Projectamos uma aceleração nesses países, de um crescimento de 5,1 por cento em 2012 para 5,3 por cento neste ano. Eles beneficiaram das taxas de juro baixas mundo afora, dos preços elevados dos produtos primários e de uma procura interna sólida.

A Ásia está à frente dessa disparada, sobretudo a China e a Índia. Os países em desenvolvimento têm vindo a exportar produtos primários para a Ásia e, em sentido contrário, fluem capital para investimento e bens. Contudo, alguns países de mercados emergentes, como o Brasil e a África do Sul, estão a crescer mais lentamente, e mesmo a Índia e a China já não experimentam o ritmo vertiginoso de expansão de alguns anos atrás.

Um continente a subir

África tem beneficiado tremendamente dessa tendência. Em 2008/2009, muitos estavam preocupados porque o continente seria duramente atingido pela crise financeira mundial. Houve um impacto, mas a maioria dos países da África Subsariana mostrou um notável poder de recuperação, sobretudo os países de baixo rendimento. O crescimento mostrou-se robusto em 2012, chegando a 5,1 por cento, e deve acelerar moderadamente nos próximos anos. As nossas projecções são de crescimento de 5,4 por cento em 2013 e de 5,7 por cento no ano seguinte. Os países de baixo rendimento devem crescer ainda mais rápido, beneficiando da crescente procura interna.

A procura por produtos primários de África tem ajudado a impelir esse crescimento, em especial porque novos recursos foram descobertos e estão a ser desenvolvidos. Mas a resiliência e o crescimento da África Subsariana não são resultado apenas do crescimento das exportações de produtos primários. Na verdade, algumas das economias de crescimento mais acelerado não são exportadoras de recursos naturais.

O desempenho económico reflecte muitas mudanças políticas, sociais e económicas ao longo da última geração. O mais importante foi o novo compromisso com a estabilidade política, à medida que África conseguiu deixar para trás as questões ideológicas da Guerra Fria e encontrou forças nas soluções regionais para os conflitos das décadas de 1980 e 1990. Ao mesmo tempo, muitos governos passaram a atribuir uma maior importância às forças do mercado na economia e a fortalecer a estabilidade económica. Com a elevação do nível educacional, as populações jovens estão a tirar partido cada vez mais das novas oportunidades económicas.

A tecnologia da informação, com os computadores e telemóveis, está a reduzir a passos largos a distância geográfica entre África e a economia mundial. E nos países, essa mesma tecnologia está a levar rapidamente à população serviços indisponíveis há até poucos anos, como a banca móvel.

Agora, o ensino em linha pode ajudar jovens como vocês a pôr por terra as barreiras ao conhecimento que contribuíram para o isolamento de África.

Instituições fortes e boa governação

O mais importante é que uma nova geração de governantes africanos compreende a maneira correcta de vencer os desafios enfrentados pelos seus países. Estão a construir um quadro de políticas económicas eficaz sobre uma base formada por instituições mais fortes e boa governação. Também estão a criar um ambiente em que os negócios possam prosperar.

Políticas monetárias prudentes reduziram a inflação e possibilitaram a acumulação de reservas cambiais. Os regimes jurídicos e os códigos tributários são um estímulo aos investimentos. Políticas fiscais sólidas, combinadas com o alívio da dívida em bases largas, resultaram na redução dos défices orçamentais e em níveis reduzidos de dívida pública. Isso criou os mecanismos que têm permitido a muitos países na África Subsariana proteger as suas economias contra choques externos e internos. Quando a crise de 2008 eclodiu, as autoridades puderam reagir. Muitos países conseguiram manter — ou mesmo elevar — os gastos sociais a despeito da queda das receitas, proporcionando uma rede de segurança necessária aos mais vulneráveis a uma desaceleração da economia.

O desenvolvimento do sector financeiro também é um importante capítulo dessa história. Em todo o continente, houve uma rápida expansão dos serviços financeiros, inclusive dos grupos bancários pan-africanos. Na maioria dos países, o sector financeiro mantém a sua robustez. África também está a atrair novas fontes de financiamento. Vários países emitiram títulos soberanos em condições favoráveis nos últimos meses. Isso reflecte, em parte, as baixas taxas de juro mundo afora, mas reflecte também as oportunidades de investimento que África oferece e a crescente confiança dos investidores nas perspectivas da região no longo prazo. Contudo, os sectores financeiros ainda são pouco desenvolvidos em muitos países de baixo rendimento. O acesso continua a ser limitado, especialmente por pequenas e médias empresas e nas áreas rurais. A banca móvel está a avançar, mas muito trabalho ainda precisa ser feito.

O êxito actual de África não permite a complacência. As taxas de pobreza permanecem altas, mesmo onde elas caíram, como aqui em Moçambique. A África Subsariana foi a região que menos avançou rumo à consecução dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio e ainda

está atrás de outras em indicadores como o ensino primário e a mortalidade materna. Será crucial obter avanços decisivos em termos dos indicadores sociais nos próximos anos. Muitos países no continente ainda permanecem expostos à volatilidade dos mercados, sobretudo dos preços dos produtos primários, e os fluxos de capital são notadamente volúveis. À medida que aumenta a integração na economia mundial, com todos os seus benefícios, os riscos também aumentam.

Com esses problemas em mente, o FMI recomenda que os países da África Subsariana passem novamente a acumular reservas fiscais, a fim de proteger-se contra uma possível evolução negativa da conjuntura. Isso pode ser feito gastando de forma judiciosa e reformando políticas mal direcionadas; substituindo os subsídios à energia de custo elevado por medidas direcionadas para proteger os pobres e melhorando a mobilização de receitas ao alargar as bases de tributação.

A região também precisa aprofundar a sua inserção na economia mundial. Os vínculos de África com as economias emergentes representam uma dinâmica nova e importante. É preciso continuar a desenvolver esses vínculos, mas também é necessário que eles abarquem muitas economias de rendimento médio cuja presença começa a ser sentida, inclusive algumas em África. Se esses países conseguirem continuar a crescer e a diversificar-se, poderão ajudar a impulsionar-se mutuamente rumo a êxitos ainda maiores, gerando uma convergência do desenvolvimento que pode elevar os padrões de vida. As economias africanas devem continuar a buscar acesso ainda mais amplo aos mercados nas economias avançadas, mas devem também fortalecer os vínculos em termos do comércio e do investimento com outras economias em desenvolvimento.

Moçambique: vinte anos de êxito

Permitam-me agora tratar de Moçambique. Inegavelmente, trata-se de um dos países de melhor desempenho em África e uma das economias que mais crescem no mundo. O crescimento foi de 7,4 por cento em 2012 e deve permanecer em 7 por cento neste ano. À semelhança de muitos países em desenvolvimento, Moçambique conseguiu compensar a fraca procura na zona do euro com o crescente envolvimento com economias de mercados emergentes

As conquistas de Moçambique são ainda mais notáveis porque ocorreram apesar das graves cheias deste ano. O impacto humano foi devastador, mas a economia conseguiu evitar o pior. Embora os

preços dos alimentos tenham subido, os primeiros sinais são de que a inflação deve manter-se próxima da meta de 5 a 6 por cento neste ano.

O êxito de Moçambique ilustra claramente que políticas sólidas funcionam. Permitam-me analisar a situação pelo ângulo das mudanças ocorridas desde o fim da guerra civil em 1992:

- O PIB per capita cresceu mais de cinco vezes;
- Os principais indicadores sociais melhoraram substancialmente — a inscrição no ensino primário agora chega a 90 por cento, em comparação com apenas 56 por cento em 1995;
- A mortalidade infantil caiu de 183 por mil para 103 por mil.

É uma evolução impressionante, mas ainda há muito a conquistar. Vejamos outro conjunto de fatos

- Moçambique continua a figurar entre os países mais pobres do mundo, com um PIB per capita de 650 dólares em 2012. Muitos indicadores sociais, ainda estão abaixo das médias da África Subsaariana, como o acesso a fontes de água potável.
- Mais da metade da população ainda vive abaixo da linha de pobreza nacional e cerca de dois terços das pessoas ainda sobrevive da agricultura de subsistência. A taxa de mortalidade infantil permanece demasiado alta.
- Conforme demonstrado pelas cheias, Moçambique também está sujeito a riscos decorrentes de eventos climáticos adversos. Com o terceiro litoral mais longo de África e numerosas planícies inundáveis, o risco de desastres naturais está sempre presente.

O desafio dos recursos naturais

Os desafios são grandes, mas podem ser superados. Os recursos naturais moçambicanos, praticamente ainda inexplorados, constituem uma enorme oportunidade, sobretudo os novos campos de gás no mar alto. Evidentemente, a riqueza em recursos naturais pode vir para o bem ou para o mal — por exemplo, os ciclos de expansão e retracção, os investimentos mal administrados e, até mesmo, a corrupção generalizada em alguns países.

É possível evitar a maldição dos recursos naturais e colher benefícios. A experiência aponta que é crucial estabelecer quadros de políticas e instituições apropriados no estágio inicial, a fim de transformar os recursos naturais em activos produtivos. Os enormes investimentos necessários para desenvolver os recursos precisam ser administrados com cuidado e transparência para assegurar que novas dívidas sejam empregadas de forma produtiva e mantenham-se sustentáveis. Também é importante recompilar estatísticas de alta qualidade e desenvolver uma forte capacidade analítica para orientar as decisões de política num ambiente cada vez mais complexo. Isso exige padrões elevados de governação. O ponto principal é a transparência em todos os aspectos do sector de recursos, desde a regulamentação e tributação, até os gastos.

O FMI está a trabalhar em estreita cooperação com muitos países africanos nessas questões. Fico satisfeito que já tenhamos prestado assistência técnica a Moçambique visando a melhoria da gestão orçamental nos sectores de mineração e hidrocarbonetos. Isso pode ajudar a maximizar as receitas dos recursos naturais sem desestimular os investimentos privados. Também estamos a contribuir para o fortalecimento da gestão das finanças públicas.

Os recursos naturais de Moçambique podem acelerar o crescimento económico. Porém, crescimento apenas não basta. A questão é como retirar as pessoas da pobreza, gerando empregos e melhorando a vida dos cidadãos. Não é uma tarefa simples. Mas é possível aprender com as lições dos países que conseguiram reduzir a pobreza e as desigualdades, algumas das quais já discuti hoje:

- É essencial colmatar as brechas infra-estruturais — nos sectores de electricidade, água e transportes — para apoiar o surgimento de novas actividades económicas fora do sector de recursos naturais e diminuir os custos comerciais.
- É fundamental investir em educação e formação para que os jovens moçambicanos possam tirar partido das oportunidades que estão a surgir.
- Os empreendedores precisam ter acesso a crédito para financiar os seus negócios. Isso exige mais desenvolvimento do sector financeiro.
- A protecção social tem de ser fortalecida para satisfazer as necessidades básicas dos mais vulneráveis na sociedade. Moçambique já obteve alguns avanços, inclusive no trabalho sobre os pisos para a protecção social com a Organização Internacional de Trabalho, o FMI e outros organismos das Nações Unidas. Esse trabalho precisará ser reforçado.

A função do FMI

O FMI está totalmente empenhado em trabalhar com os países africanos para ajudá-los a fortalecer ainda mais as suas economias e realizar todo o seu potencial. Estamos a oferecer aconselhamento em matéria de políticas, assistência técnica e formação, além de, quando necessário, ajuda financeira. Na área da assistência técnica, contamos com quatro Centros Regionais de Assistência Técnica na África Subsariana, inclusive um novo nas Maurícias, que atende a Moçambique e será reforçado por um instituto de formação ainda neste ano. Um quinto centro de assistência técnica regional será aberto em Gana em breve.

O FMI também fez modificações nas suas políticas de concessão de empréstimos para oferecer acordos de financiamento mais adaptados às necessidades dos nossos países membros. Nos últimos anos, criamos mais instrumentos de crédito para os países de baixo rendimento e elevamos o montante de financiamento disponível para eles. Para os países que necessitem de assistência financeira, também estendemos os nossos empréstimos em condições concessionais com taxa de juro zero até o ano que vem.

Conclusão

Em suma, assim como muitos outros países em África, Moçambique ainda enfrenta enormes desafios. Contudo, fez progressos e pode tirar partido disso. África está numa situação distinta daquela em que estava há 20 anos e isso se percebe em Moçambique mais do que em qualquer outro lugar. Agora que estão lançadas as bases para o êxito no longo prazo, é chegada a hora de tirar partido das novas oportunidades internas e externas, na economia mundial. O FMI está pronto a ajudar, mas cabe a Moçambique — e ao restante de África — contribuir com a energia e a criatividade para construir a prosperidade e melhor os padrões de vida.